

fisga

PASSEIO PÚBLICO

65 MINUTOS COM

ALEJANDRO ARAVENA “AS CIDADES SÃO VEÍCULOS PODEROSOS DE CRIAÇÃO DE RIQUEZA”

O ARQUITETO CHILENO, PRÉMIO PRITZKER DE ARQUITETURA, DEFENDE A URGÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE CASAS ECONÓMICAS PARA UM MILHÃO DE PESSOAS POR SEMANA, SOB PENA DE SE GERAR UMA BOMBA-RELÓGIO SOCIAL

ENTREVISTA VALDEMAR CRUZ
FOTOGRAFIA RUI DUARTE SILVA

Deslocou-se ao Porto para falar sobre habitação social e económica num congresso internacional organizado pela Faculdade de Arquitetura, e pôs a nu os desafios colocados à arquitetura em particular nos países em desenvolvimento e num mundo com milhões de pobres.

Quais são as perguntas que hoje se colocam a um arquiteto?

No escritório temos de tomar tempo para produzir as respostas. Mas as perguntas não estão no escritório, estão lá fora, no mundo. A nossa maneira de participar e contribuir para as discussões que interessam aos cidadãos é através dos projetos. 80% do nosso tempo são a fazer projeto, mas há uma dimensão que passa por ter influência na opinião pública, tratar de gerar políticas públicas que mudem a regra do jogo quando o projeto mostra que essas regras não são as que estão a gerar o maior bem comum.

É o problema da política das cidades?

Vivemos num momento da história que se poderia descrever como a idade das cidades, o que em princípio é uma boa notícia. As cidades são veículos muito poderosos de criação de riqueza, e de redistribuição de qualidade de vida através de políticas públicas. São caminhos para a igualdade. São imanes que atraem pessoas

porque concentram oportunidades. De trabalho, de educação, saúde, transportes, recreio. O problema é a escassez de recursos para responder ao fenómeno de pessoas que vão à procura, num processo sem precedente na história da humanidade, das oportunidades que as cidades concentram. De três mil milhões de pessoas que vivem hoje em cidades, há mil milhões abaixo do nível de pobreza. Se não formos capazes de construir uma cidade para um milhão de pessoas por semana, com 10 mil dólares por família, vamos gerar uma bomba-relógio social.

E se essa resposta não aparecer?

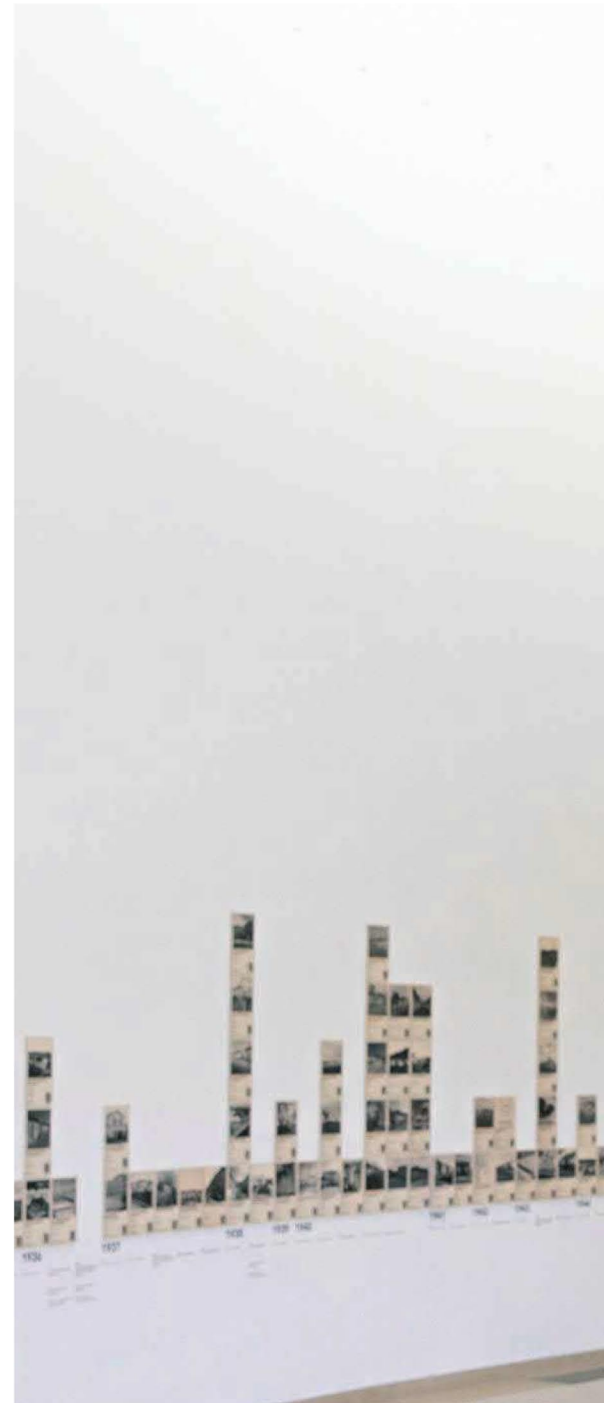
Não sabemos como construir a essa velocidade e a essa escala com escassos recursos. Mas se encontrássemos a maneira de o fazer, usando os sistemas construtivos que hoje existem no mundo, a bolha de carbono daí resultante acabaria com o planeta. O que gera uma crise ambiental e, como consequência, uma crise de segurança social e política. Se não resolvermos a pergunta, teremos um problema, e se a resolvermos também temos.

O que pode fazer a arquitetura?

Como arquiteto, estar frente a uma destas situações tipo *cheque-mate*, parece-me ser um desafio para o qual a arquitetura pode dar algum contributo. Se algum poder tem a arquitetura, é o poder de síntese. É um problema que nos interessa como humanidade. Para poder capitalizar o lado positivo da idade urbana, e não apenas a ameaça que pode significar o ter gente a viver nas cidades.

Isso implica partir para o problema liberto de teses?

O nosso escritório, Elemental, partiu do Chile, um país relativamente pobre, onde há muita desigualdade. Ali são entregues 100 mil subsídios por ano para habitação. Aquilo que em princípio devia ser uma boa notícia para uma família nem sempre é, se a casa fica nas periferias, onde não há serviços. Ficam marginalizados das oportunidades que os levaram a migrar para as cidades. Isso



significa condenar essas famílias e as próximas gerações a viverem para sempre segregadas das oportunidades. O subsídio de casa recebe-se uma vez na vida. Não há uma segunda oportunidade.

Como se gere esse subsídio?

Nos países em desenvolvimento, a maioria das políticas de habitação está orientada para a propriedade, ao contrário da Europa, onde o Estado é o dono da habitação social.

Isso faz a diferença?

Totalmente, porque é a mais importante transferência de fundos públicos para património familiar que uma família vai receber em toda a sua vida. Em teoria, essa política habitacional não é só uma proteção contra a intempérie. Devia ser



“NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO, A CASA DEVE SER UMA FERRAMENTA ECONÓMICA QUE SE SE VALORIZA E PERMITE A UMA FAMÍLIA SAIR DA SITUAÇÃO DE POBREZA”

uma ferramenta económica que se se valoriza e permite a uma família sair da situação de pobreza.

Perante tão escassos recursos, como enfrentam o desenho da casa?

Procurando que haja uma valorização no tempo. No primeiro projeto que construímos no Norte do Chile, partimos com 7500 dólares, dos quais 7200 são o subsídio do Estado e 300 dólares são a poupança da família. Com isso há que comprar o terreno no mercado privado, fazer as infraestruturas e construir a casa. Tratamos de fazer com que a casa valha mais com o tempo. É provavelmente o indicador mais objetivo de que as oportunidades que existem à volta dessa casa efetivamente estão disponíveis para a família. Estão mais perto do trabalho, mais perto do colégio, do sistema de saúde. Isso reflete-se no valor do solo e da casa. É fundamental entender a casa como um investimento e não como um gasto social. Mas para chegar aí, e essa é a dificuldade da pergunta, em média, no mundo em desenvolvimento, as políticas habitacionais só podem entregar projetos de casas cujos tamanhos variam entre os 30 e os 40 m². Não há dinheiro para mais, mas a evidência mostra que vão depois, em autoconstrução, tentar chegar aos 80m². O problema é se ampliam apesar do desenho e não graças ao desenho.

Como chegou à arquitetura?

Fernando Pessoa diz que todo o começo é involuntário. Creio que comigo se passou isso. Foi involuntário. Não é aos 17 anos que podes dizer com segurança o que queres ser. Não tinha ideia do que era a arquitetura. Esse mundo, do qual não conhecia nada, pareceu-me fascinante. Mas tive de ser rigoroso com a minha própria ignorância. ●

